

Capim moído: o coeficiente da dignidade dos nossos dirigentes

Maputo – A notícia da morte de trinta e cinco cidadãos moçambicanos vítimas de fome em Nampula passou muito depressa e não mereceu qualquer reflexão nos habituais fóruns de opinião pública. Da Direcção máxima do Estado não veio uma palavra. Segundo parece, as imagens de uma mulher a preparar capim como refeição para alimentar os seus filhos não chocaram ninguém e foram interpretadas apenas como símbolo de resistência perante as dificuldades comuns e gerais do país. No fundo, é o país a assumir que os que morreram de fome são culpados por não terem guardado comida suficiente para se manterem vivos, tal como está a maioria. A mulher que mói capim para dele fazer refeições para os seus filhos perdeu a batalha da dignidade da sua própria vida. É uma espécie de conformação geral com os resultados da teoria da selecção natural de Charles Darwin, apresentados contra os nossos próprios irmãos. Mas a verdade é que a imagem dos mortos e a imagem dos que se alimentam de capim, combinadas, compõem o retrato do falhanço Estado que não consegue prover o básico para os seus cidadãos. Se, por um lado, há os que são decapitados por que os querem afastar das suas terras, por outro lado há os que são atingidos por tiros, por cima de papéis assina dos sobre uma dita “paz definitiva”, num diferendo em que uns se consideram mais espertos do que os outros. Há também os que são rapta dos e a quem são extorquidas volumosas somas em dinheiro sem que o Estado lhes garanta segurança, já lá vão cerca de dez anos. E agora temos isto: cadáveres com boletim de óbito a atestar fome, e os vivos alimentando-se de capim. Os que já viveram mais tempo neste país sabem que as histórias de sobrevivências são várias. E nos tempos mais difíceis todos lutávamos pela nossa própria sobrevivência. Vai daí que a nossa História, como povo, é de verdadeiros vencedores. Mas essas histórias de heroicidade já não podem ser contadas tendo como personagens estes nossos irmãos. A história que se pode contar é a de uma governação criminosa de um país que tem todos os recursos necessários para garantir a felicidade e a realização de cada um dos aproximadamente trinta milhões de habitantes. Seria cumplicidade contar essas histórias de gente que se alimenta de capim como sendo heróis. E não é por que não o sejam, mas porque, contada essa história em pleno Século XXI, esconde-se o verdadeiro problema, que não é a fome, em si. Não é essa a história que deve ser contada. Muito pelo contrário. É a história de um séquito de incapazes instalado no poder e que perdeu o guião da direcção elementar de um Estado e das suas atribuições. E é do conhecimento geral que a fome ou o recurso a plantas silvestres para combater a fome não é um problema isolado de uma localidade no interior da província de Nampula. É uma situação generalizada neste país. O problema da fome em Moçambique está em todo o lado. Nos distritos e nas cidades. E não se trata de falta de habilidade dos moçambicanos para produzirem a sua

própria comida para matarem a fome. Esses famintos são vítimas de um problema estrutural de má gestão dos recursos do país. É a má gestão dos abundantes recursos do país que faz com que não haja possibilidade de criação de um sistema redistributivo que crie oportunidades para que cada um use da sua habilidade e talento, onde quer que esteja, para se auto-sustentar, a si e aos seus. Como é que alguém com a sanidade mental em dia pode conceber um país em que os que deviam criar condições para os outros (que estão a morrer de fome ou que se alimentam de capim) se fazem transportar em viaturas que custam 500.000 dólares? Um país em que os que se deslocam nestas viaturas pagas pelo Estado vestem a pele de privados e pagam-se entre eles consultorias milionárias para não fazerem nada senão sugar o Estado, enquanto neste mesmo país há quem se está a alimentar de capim. No fundo, isto também mostra um outro quadro, muito mais grave. Se, no passado, se dizia que o povo de via sair das casas feitas de material precário, ou seja, com tecto de capim, hoje estamos num ponto em que o povo está crucificado numa indignidade tal em que o capim com o qual cobria as suas casas passará a escassear, porque as dificuldades convenceram o povo de que, afinal, o capim é uma fonte da sua dieta alimentar. Haverá algum país civilizado no Mundo em que o seu povo se alimenta de capim por falta de opção? O partido Frelimo ainda acredita que está a governar alguma coisa? Não estará mais do que evidente que há muito deixou de servir o Estado e passou a servir-se dele? Mais de quarenta anos depois de a terra e os homens alegadamente terem sido libertados, o que efectiva mente temos é isto: uns no poder com tudo, e tantos, do Rovuma ao Maputo, a alimentarem-se de capim. É a estes últimos que é pedida compreensão porque, alegadamente, o país é pobre. A estes é pedido para apertarem o cinto onde já não cabe mais furo algum, alegadamente porque os recursos são escassos e não chegam para todos. A estes são exigidos sacrifícios que incluem a sua própria morte pela fome. Para que são esses sacrifícios? Para que os dirigentes políticos continuem a passear em viaturas de luxo e continuem, eles e os seus familiares, a fazerem compras e a apararem a barba e as unhas no estrangeiro? É este o coeficiente de “dignidade” dos nossos dirigentes. A “dignidade” dos nossos dirigentes tem como preço gente a morrer de fome e os vivos a moerem capim para se alimentarem. Um país com tudo para dar certo, com recursos suficientes para que ninguém fosse colocado na indigência de se alimentar de capim moído ou na difícil situação de morrer de fome, está transformado num quintal em que uns lucram com a miséria dos outros. Será que é necessário que este povo volte a perguntar-se quando é que virá a Independência, para que também chegue a sua vez de ter alguma dignidade?